

1

Introdução

O escritor deve se sentir à vontade no incompreensível

Guimarães Rosa

Este trabalho se debruça sobre a correspondência entre Guimarães Rosa e sua tradutora americana, buscando alcançar o que ali se oferece para pensar a linguagem e o sentido. Justifiquemos essa escolha.

A renovação do pensamento sobre a linguagem alavancada no final do século XIX e principalmente no século XX tende a despedaçá-la, a desacreditá-la como o objeto unificado e passível de circunscrição pleiteado por teorias de pretensões universais e esclarecedoras pautadas na busca de uma essência ou uma vocação unívoca. Ganha força a concepção da linguagem como algo irreduzível a qualquer *télos*, a qualquer lastro psicológico ou ontológico transcendente e, portanto, como fenômeno refratário a teorias essencialistas de ambição explicativa. Questiona-se também uma hierarquia interna previamente incontestada entre uma linguagem transparente, objetiva e instrumental e uma linguagem literária e poética, aproximando-se os campos de saber filosófico e literário na condução das reflexões acerca de sua multiplicidade obscura.

Entrevêm-se nos textos ditos literários muitas das questões e perplexidades que estimulam filosofias anti-essencialistas contemporâneas da linguagem: autores como Mallarmé, Beckett, Borges e, entre tantos outros, sem dúvida Guimarães Rosa, despontam como grandes promotores da reflexão sobre a palavra. Dão testemunho de um interesse especial por esse espaço muitos textos de filósofos contemporâneos, tais como os de Derrida em *Acts of literature*, os de Deleuze em *Crítica e clínica*, os de Foucault em *As palavras e as coisas*, para citar apenas alguns exemplos. Diante da derrocada das “grandes explicações teóricas” sobre o fenômeno lingüístico, pensamentos relevantes sobre a linguagem

e o sentido se oferecem no espaço socialmente reconhecido da literatura, configurando não doutrinas, mas diferentes estilos de ver ou de viver a linguagem.

Nas adjacências desses textos mais reconhecidamente ficcionais, temos textos que aqui denominaremos *paraficcionais* – cartas, entrevistas, diários etc. – escritos por autores cuja literatura mobiliza questões sobre linguagem e sentido de forma particularmente enfática, como é certamente, como se disse, o caso da obra de Guimarães Rosa. O projeto de pesquisa¹ para o qual esta dissertação conflui trabalha com esses textos por acreditar que são vetores de considerações fecundas, a despeito de não conformarem doutrinas. O posicionamento extra-teórico desses autores possibilita o acesso a uma reflexão mais crua, sem aparos de arestas, nem leitões de Procusto, às vezes apenas lampejos que precisam ser inflamados para gerar uma discussão mais aprofundada, mas às vezes quase-teorias de tão claros e estruturados. No entanto, se é característica desses discursos a exposição de um fenômeno precioso, é também evidente o fato de não terem sido elaborados com a finalidade de serem lidos como uma teoria e conseqüentemente não apresentarem compromisso com coerência, fundamentação e estabilidade. São patentes – e bem-vindos – nesse tipo de texto a contradição, os paradoxos e as inconsistências.

Nas cartas de João Guimarães Rosa aos seus tradutores, temos um campo onde se delineiam, por assim dizer, paisagens acerca da linguagem. Na conversa entre autor e tradutor, durante a operação da tradução, vemos surgir o universo da criação tanto do texto original, como de sua reconstrução em outra língua, com todas as motivações, angústias, medos, certezas e hesitações. As dificuldades e os nós da linguagem estão expostos e as discussões e polêmicas que os incorporam apontam para posicionamentos oscilantes.

Harriet de Onís, Edoardo Bizzarri e Curt Meyer-Clason foram os tradutores que mais trocaram cartas com Rosa e suas missivas correspondem a um material rico de onde depreendemos certos posicionamentos perante a linguagem que ora nos remetem obliquamente à percepção platônico-aristotélica, como sistema de representação, ora apontam para sua subversão, aproximando-se de teorias pós-estruturalistas. Sem atribuir aos missivistas filiações teóricas, não é difícil perceber como o que é dito sobre a linguagem dialoga com embates contemporâneos dos Estudos da Linguagem.

¹ Projeto de pesquisa coordenado pela Prof. Helena Martins no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem do Departamento de Letras da PUC-Rio.

Foi com a norte-americana Harriet de Onís que Rosa construiu o material mais extenso e completo, incluindo cartas, anexos, glossários e provas de tradução. No entanto, diante da dificuldade de se obterem as cartas, ainda não publicadas, e das críticas feitas à tradutora, muitos trabalhos têm se voltado para a correspondência entre Guimarães Rosa e seus tradutores alemão e italiano, deixando um amplo espaço a ser explorado nas cartas à americana, não menos rica e profícua.

Este trabalho tem por objetivo analisar internamente a correspondência trocada entre Rosa e Onís de 1958 a 1964, durante a tradução parcial de *Grande Sertão: Veredas* e *Sagarana*², buscando compreender como comparecem e eventualmente se dissolvem ali aporias contemporâneas envolvendo a linguagem. Para complementar o que é encontrado nesses textos, serão abordadas também entrevistas e cartas a outros tradutores, com o intuito de analisar a correspondência também externamente, buscando situá-la em relação aos diálogos que Rosa estabelece com seus tradutores e o pensamento sobre a linguagem que se depreende de outros textos no *corpus* roseano, sobretudo o “Diálogo com Guimarães Rosa”, um entrevista concedida a Günter Lorenz. O restante das cartas que Guimarães Rosa trocou com Harriet de Onís – de 1964 a 1966 – só pode ser consultado no Instituto de Estudos Brasileiros da USP e por esse motivo não foram utilizadas neste trabalho. As cartas a que tivemos acesso estão todas disponíveis na dissertação de mestrado de Iná Verlangieri, que realizou um trabalho extenso e criterioso de crítica genética possibilitando a realização desta pesquisa.

Harriet de Onís e Guimarães Rosa trocaram cartas de 19 de novembro de 1958 a 25 de outubro de 1966. Não fosse por uma carta enviada por Curt Meyer-Clason em janeiro de 1958 – a que Rosa só respondeu poucos dias depois de escrever a carta a Onís, no início de 1959 – teria sido o início de toda a correspondência com os tradutores. São 59 cartas analisadas neste trabalho, que começam com a discussão da tradução de “Duelo”, passam a *Grande Sertão: Veredas* e terminam com a discussão de “O Burrinho Pedrês”. Mesmo não terminando *Grande Sertão: Veredas*, Onís discute com Rosa as impressões

² Harriet de Onís traduziu o início de *Grande Sertão: Veredas* e revisou a tradução final, que foi concluída pelo professor James L. Taylor. Ela foi a tradutora da versão completa de *Sagarana*.

iniciais e as da etapa de revisão. James L. Taylor, segundo tradutor do livro, não travou contato constante com Guimarães Rosa durante sua tradução, foram apenas duas cartas enviadas e duas recebidas por ele, sem tratar de minúcias do trabalho ou do processo tradutório em si e por isso não foram incluídas no *corpus* principal.

Muitas passagens das missivas levantam antigas questões sobre a linguagem. De onde vem o significado de um texto? Qual o papel das palavras e da poética na significação? O que não deve passar ao largo do tradutor? Que relações se estabelecem entre o autor, o texto e seu público? Qual o potencial e os limites da linguagem? Como vida e idioma se entrelaçam?

A tentativa de responder ou reagir a essas perguntas revela um diálogo epistolar que é mais do que um simples diário da realização de uma tradução: é um esboço de perspectivas sobre linguagem que conduzem o trabalho da tradutora e do autor. Existe uma tensão na obra de João Guimarães Rosa que se recompõe na tarefa de traduzi-lo. É a tensão inerente à linguagem, que advém do trabalho do escritor de usar uma linguagem que diz e ambiciona ultrapassar o seu dizer, a tensão de trabalhar com o idioma que lhe pré-existe e ao mesmo tempo é único e ainda a tensão da tradução, que busca o texto original e se distancia dele ao ser também um processo complementar de significação.

Nossa hipótese é que das cartas mencionadas podem-se depurar elementos para a caracterização de perspectivas roseanas da linguagem, elementos que de modo geral favorecem o reconhecimento da linguagem como *práxis*, malgrado as manifestações ocasionais de adesão explícita ao que pode ser tomado como uma visão representacionista tradicional. É ainda nossa percepção que Harriet de Onís e Guimarães Rosa não estão alinhados a uma perspectiva geral comum. Essas diferentes abordagens se tornam mais vívidas no contraste: Rosa dá a ver a sua própria compreensão enquanto busca subverter ou alterar a relação de sua interlocutora com a linguagem.

Assim dimensionado, este trabalho se diferencia – embora muitas vezes se utilize – de outros estudos que tomaram a correspondência de Rosa como objeto. Esse material tão versátil se presta a trabalhos de crítica genética, como o realizado por Iná Verlangieri (1993); estudos sobre a biografia, processo criativo e método de Guimarães Rosa (as cartas são freqüentemente aproveitadas por críticos e autores de sua fortuna crítica); estudos sobre um perfil, uma *persona*

roseana encenada nas cartas, como a dissertação de Fernando Viotti (2007) e ainda estudos sobre a tradução, como os realizados em tese de doutorado de Nícia Bonatti (1998) e Gilca Seidinger (2008).

Ressalvando-se as divergências deste trabalho com relação aos citados, o que se pretende aqui é mostrar (i) perspectivas roseanas de linguagem e sentido que se esboçam nessas cartas, (ii) a irreducibilidade dessas visões a qualquer filosofia geral da linguagem, (iii) as diferenças de atitude perceptíveis entre Guimarães Rosa e Harriet de Onís no que se refere à linguagem – diferenças que enfatizam por contraste as posições roseanas e (iv) o abalo a expectativas reducionistas sobre a linguagem empreendido pela sua abordagem ao idioma.

Acreditamos que a adoção de uma perspectiva pós-estruturalista da linguagem pode servir oportunamente como ponto de partida para a abordagem do fenômeno multifacetado que se apresenta no epistolário, pois ela é capaz de incorporar as aporias emergentes como uma força criadora utilizada por Rosa, sem rechaçar os elementos contraditórios como exceções a uma postura central e consistente. Os paradoxos evidentes na fala e na vida de Rosa, assumidos pelo próprio autor, poderiam ser taxados de simples incoerência, mas preferimos entendê-los como uma tentativa de lidar com um fenômeno que não é facilmente descritível e categorizável: a linguagem e seus efeitos. As dificuldades e o desnortamento da escrita não são lançados no exílio, pois são a própria matéria-prima da pesquisa.

Os capítulos que se seguem a esta introdução procuram abordar questões sobre a linguagem e o sentido da maneira como surgem nas argumentações em torno da versão dos textos de Rosa para o inglês. Sem compromissos com as teorias, os dois integrantes da conversação são pessoas obrigadas por força de seus ofícios a considerar e refletir sobre a linguagem e as línguas “filosofando” sobre o que é possível realizar em uma tradução, baseados em seus conhecimentos pessoais e culturais, saberes integrantes de uma história da qual também fazem parte os Estudos da Linguagem.

Apesar do extenuante trabalho com as palavras, a relação de Rosa com a linguagem não se traça por métodos, se considerados como o uso instrumental de regras criativas; trata-se antes de acontecimentos lingüísticos que não podem ser elementarizados. A partir da leitura e da análise das cartas, muitas reflexões são exigidas, algumas dentro do escopo deste trabalho, a serem abordadas nos

capítulos, e outras que avançam sobre outros caminhos teóricos e que serão, por esse motivo, descartadas, em que pese sua relevância.

Começaremos por um segundo capítulo teórico, sobre a perspectiva de linguagem que informa o trabalho, retornando a questões recalcitrantes e a um nó contemporâneo a que Guimarães Rosa parece de alguma forma reagir em suas cartas. Nesse capítulo serão abordados alguns dos embaraços envolvidos na adoção radical de uma visão da linguagem como práxis, bem como a complexa, e hoje inevitável, relação entre literatura e filosofia.

O terceiro capítulo procura caracterizar o objeto da pesquisa, fazendo uma apresentação geral da correspondência. Começa por abordar a relação de Rosa com os tradutores e a disseminação de sua obra, e esboça, em seguida, um perfil de Harriet de Onís, assim como delineado na correspondência. Esse capítulo acentua aspectos da atitude de Harriet de Onís frente à linguagem que posteriormente serão contrastados com posicionamentos de Guimarães Rosa. Convém ressaltar de saída, no entanto, que buscamos aquilo que é *encenado nas cartas* de lado a lado, cientes da ingenuidade de uma abordagem psicologizante que pretendesse alcançar, por meio das cartas, intenções e posicionamentos absolutos, associados às personalidades dos missivistas.

O quarto capítulo detém-se sobre a forma como se manifesta nas cartas o pensamento por paradoxos, tão emblemático em Guimarães Rosa. Atenção especial é dada a termos como “linguagem comum” e “sinceridade lingüística”, usados por ele de forma perspicazmente paradoxal, de modo a subverter sentidos estagnados. Esse capítulo se oferece sobretudo como reflexão preliminar e geral sobre a produtividade do “falar por paradoxos”, uma predileção roseana cujo exame será retomado, com diferentes ênfases, nos três capítulos posteriores.

O quinto capítulo aborda a forma como comparecem nas relações travadas na correspondência elementos que tradicionalmente gravitam em torno da linguagem e do sentido, como *autoria*, *tradução* e *leitura*. Busca-se reconhecer a forma como tais noções são abaladas na linguagem roseana, sobretudo as repercussões de se assumir vida na palavra.

O sexto capítulo debruça-se sobre o paradoxo roseano da linguagem *sem razão* e o nó ocasionado pela herança representacionista na própria linguagem que tentamos usar para subverter essa visão. Busca-se mostrar como nas cartas esse embaraço promete dissolver-se em um *reconhecimento* do mistério da linguagem,

que só pode ser exposto e não resolvido. Mostra-se que esse reconhecimento não é em Rosa um ato mental abstrato, mas antes um *sentir-pensar* a linguagem.

Finalmente, o sétimo capítulo analisa o estatuto do poético no projeto roseano de “perturbação da linguagem”, e sua relação com o sentido. A este capítulo, seguem-se as considerações finais do trabalho.

Esperamos com esta dissertação contribuir com os estudos já realizados sobre Guimarães Rosa e especificamente sobre seus textos não ficcionais, convergindo com reflexões que avalizam uma leitura não estacionária desse material sempre tão provocador.